

# DEUSA VIVA

*Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea  
Equinócio e Lua Azul – Março de 2018 – nº 225*



Equinócio Vernal, o Início do  
Ano Zodiacal  
pág. 2



Danu, a Grande Mãe  
Irlandesa  
pág. 5

# Equinócio Vernal, o Início do Ano Zodiacal

por Mirella Faur

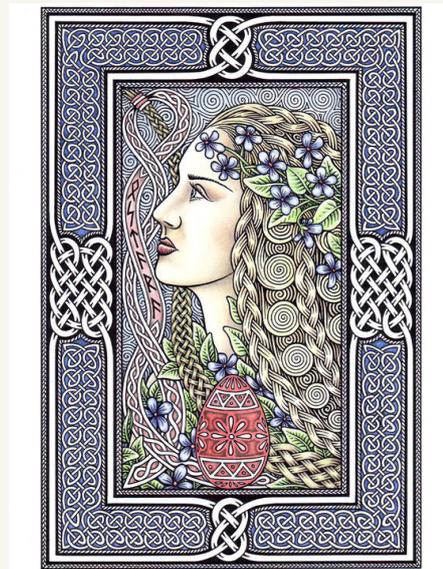
As mais antigas denominações das constelações são originárias da Babilônia, mas o signo que atualmente conhecemos como Áries não existia nos zodiacos antigos. Em seu lugar havia uma constelação chamada Hireling, que simbolizava um trabalhador manual. Foram os egípcios que nos deixaram o nome de Áries, representado ora como ovelha, ora como carneiro. Áries representa o poder do ego individual emergindo do oceano coletivo, o próprio impulso de ser; por isso ele simboliza o novo, a iniciativa e os começos, sendo o primeiro signo na roda zodiacal. Quando o Sol, no seu movimento aparente, passa do hemisfério sul para o hemisfério norte e o dia é igual à noite comemora-se o Equinócio Vernal (21/03), que assinala a entrada da primavera no hemisfério norte e do outono no hemisfério sul. Esta data é especialmente valorizada pelos astrólogos, por corresponder ao início do Novo Ano Zodiacal.

Os povos mediterrâneos continuaram a celebrar o equinócio da primavera como o início do Novo Ano; evidências encontradas nos sítios megalíticos das Ilhas Britânicas confirmam a existência destas tradições também entre os antigos povos celtas. Para os romanos várias celebrações como Lupercália, Matronália, Hilária marcavam o “Novo Ano Zodiacal”, comemorado até a instauração do calendário gregoriano em 1582.

Na Roda do Ano celta o equinócio vernal marca a metade do intervalo entre dois Sabbats - Imbolc e Beltane; ele representa o equilíbrio (entre luz/escurecimento, dia/noite, masculino/feminino), a entrada do Sol em Áries e uma oportunidade cósmica e ritualística de introspecção, avaliação e renovação, antes de iniciar as mudanças e os projetos necessários, para marcar de fato, o começo de um “Novo Ano zodiacal”.

No calendário cristão existem duas datas adaptadas do equinócio vernal: a primeira é a “Festa da Anunciação da Virgem Maria” no dia 25 de março, escolhida para transcorrer um prazo de nove meses até o suposto nascimento de Jesus em 25 de dezembro. A segunda data do calendário pagão adotada pela igreja cristã é a Páscoa, que guarda o antigo significado da vitória da luz (o Sol da primavera substituído por Jesus) sobre a escuridão do inverno (a morte). Um antigo motivo mitológico de várias culturas era a descida da Deusa para o mundo subterrâneo, onde ela permanecia três dias e depois ressurgia, devolvendo a vida e a fertilidade da terra, no início da primavera, após a ausência da vegetação e a aridez dos meses de inverno. Os três dias correspondem à lua negra, período em que a Lua não é visível no céu (representando a estadia da Deusa no reino da escuridão). Este mesmo prazo foi adotado pelo cristianismo para a duração do sepultamento de Jesus, a sua ressurreição se dando no terceiro dia, que é o domingo de Páscoa.

O nome em inglês e alemão para a Páscoa - Easter e Östern – foi tomado “emprestado” da celebração pagã das deusas Eostre (celta) e Ostara (saxã), regentes da primavera e da fertilidade, celebradas na lua cheia mais próxima do equinócio de primavera.



Ostara era uma deusa teutônica da aurora e da vitalidade, chamada “Madrugada Radiante”, regente do renascimento da vegetação na primavera e da fertilidade (vegetal, animal e humana), equivalente a Eostre, a deusa anglo-saxã da primavera. Ambas eram representadas como jovens coroadas com flores, segurando uma cesta com ovos e cercadas por lebres, sendo celebradas com canções, danças e alegres procissões de mulheres enfeitadas com guirlandas de folhas e flores. Elas recebiam oferendas de ovos tingidos, pintados ou decorados com símbolos tradicionais e pães e roscas doces em forma de lebres, animais associados à Lua e renomados pela sua fertilidade. Os seus nomes deram origem ao hormônio feminino (estrógeno), ao cio (estrum) e à denominação da Páscoa (Östern em alemão e Easter em inglês). Os seus atributos mágicos e os símbolos a eles associados foram adotados como objetos festivos e significativos na comemoração da Páscoa cristã, fato que perpetuou a antiga egrégora do Sabbat Ostara, sem que a Igreja explicasse a enigmática relação entre Jesus, os coelhos e os ovos. A sobreposição de símbolos pagãos e cristãos foi a maneira encontrada pela Igreja cristã para erradicar as antigas celebrações desse Sabbat, equiparando a ressurreição de Jesus ao simbolismo pagão do equinócio – do renascimento da terra na primavera – preservando as imagens do ovo e inventando “o coelhinho da Páscoa”, substituto da lebre.

Resquícios do mito da deusa celta Ostara, padroeira da fertilidade e renovação da Natureza celebrada no equinócio da primavera, permaneceram nas crenças populares e persistem até os dias de hoje, apesar das pessoas desconhecerem sua origem. Os símbolos de Ostara eram o ovo e a lebre, sem relação entre si, mas ambos significadores de criação, renovação e proliferação. Com o passar do tempo, surgiram os contos do “Coelho da Páscoa” e a sua inexplicável associação para os leigos com a festa cristã e os ovos de chocolate.

Trechos extraídos do artigo de Mirella Faur  
Leia o texto completo em [www.teiadethea.org](http://www.teiadethea.org)

# Meditação

por Samaya Antunes

*Que possamos respirar, para harmonizar os hemisférios cerebrais.*

*Ao aprofundarmos o contato com a respiração, em silêncio, visualizemos o planeta Terra no momento do equinócio.*

*Percebemos que os dois hemisférios recebem a energia do Sol e da Lua de maneira equilibrada, pois o dia e a noite têm a mesma duração.*

*O momento nos traz a lição da igualdade entre as polaridades e, ao mesmo tempo, da complementaridade.*

*Um extremo só existe porque o outro também e, assim, a somatória de todas as nuances entre os extremos forma a integridade, a completude, a inteireza, o todo.*

*Sol e Lua;  
noite e dia;  
claro e escuro;  
luz e sombra;  
feminino e masculino;  
inconsciente e consciente;  
acima e abaixo;  
bem e mal;  
céu e inferno;  
morte e vida.*

*Nada existe se não houver um pólo oposto.*

*É importante refletir, porque existe uma tendência fortíssima na cultura ocidental de valorização apenas dos aspectos "positivos", "benéficos", "iluminados"; seja das pessoas, dos acontecimentos, das emoções.*

*O escuro, o negro, o oculto, a morte são partes da Criação Divina. Sem as polaridades "negativas", as "positivas não podem existir.*

*Mergulhemos mais e mais, sem perder o contato com o ar que entra e sai dos pulmões.*

*E, visualizemos o famoso símbolo oriental da totalidade, o Tao: o negro contido no branco e o branco contido no preto. Onde um acaba, o outro começa.*

*Juntas, as polaridades se completam em uma dança equilibrada, perfeita e sem fim.*

*O que é o bem?  
E o mal?  
Onde um começa e o outro termina?*

*Respiremos juntos, para equilibrar as polaridades...*



# Equinócio e Lua Azul

por Helena Galvani

Mais um ano novo zodiacal se inicia, e com uma Lua Azul! Que benção da Grande Mãe!

Desta vez, o início acontece com a Lua e o Sol juntos em Peixes, ou seja, a roda desta lua será em Peixes, porém, o ano começa quando o Sol adentra Áries, no dia 20.03. O signo da iniciativa, dos começos e da coragem de fazer acontecer; sem o pontapé ariano não saímos do lugar.

O encontro destes dois planetas em Peixes nos avisa que será um início de ano com um jeitinho intuitivo, artístico, musical, perceptivo unido a muita iniciativa, energia para agir, ímpeto, coragem e sensibilidade aflorada, que há em Áries. O período chama para uma nova jornada, um reconhecimento e conhecimento de si mesma.

Além disso, o Sol forma trígono com Júpiter em Escorpião, quadratura com Marte e Saturno em Capricórnio.

O período chama para uma conexão intensa com nossas sombras e nossa luz, a insistência e a persistência para prosseguir em nossos objetivos é essencial, e assim poderemos expandir e crescer.

Mulheres, o momento de sermos guerreiras é agora. Mas quem disse que a batalha é fácil?

O potencial para crescer e evoluir é gigantesco; contudo, é preciso encarar que existem complexidades em nossa personalidade. Com Júpiter retrógrado, para realmente expandirmos, precisamos nos aproximar de nós mesmas, de nossas sombras, de nossos medos, de nossa fé. O momento é agora. Por meio de viagens, de estudos que ampliem nosso conhecimento ou nos ligando a objetivos que façam nosso coração pulsar – será uma oportunidade para adentrarmos os recôncavos mais misteriosos de nosso ser. Inicie a caminhada para o autoconhecimento!

O novo ano também vai exigir responsabilidade, seriedade e atenção aos desafios. Paciência será uma virtude, e encarar os medos também. Poderá haver a sensação de limitação, mas esta é a força saturnina agindo. Marte, por outro lado, nos pede para lutar e persistir. Com o tempo e com estrutura firmada, poderemos colher os frutos mais à frente.

E a nossa querida Lua no meio disso tudo? Bem, enquanto o Sol entra em Áries, ela está em Touro, ainda na fase Nova. Isso significa que os projetos, sonhos estão em solo fértil, que o que está sendo germinado tem potencial para crescer.

Há também a necessidade de segurança e conforto. Isso significa que a preguiça pode reinar, mas só um pouco. Com energia suficiente, e se pudermos descartar o velho, abriremos espaço para o novo se materializar, e algo surgir. Por isso sentiremos mudanças em nossas finanças, nos nossos bens, na área sexual e espiritual.

Fugir não é o ideal, o que podemos fazer é nos precaver e ter certeza que as bases que estamos vivendo são sólidas, ou se vemos rachaduras.

**Vamos todas juntas caminhar este ano, nos apoiando umas às outras.**

Além do início do nosso outono, da entrada do Sol em Áries, temos uma segunda Lua cheia no mês, que se chama Lua Azul.

Vai nos trazer a sensação de uma segunda oportunidade de nos aproximarmos novamente do divino, aumentar a consciência do sutil e sobrenatural, sentir mais uma vez a plenitude desta fase magnânima da lua.

E desta vez, ela estará em Libra.... O que afeta é a nossa forma de ser e de olhar para o mundo, mas também a forma na qual a gente se enxerga no meio de tantas pessoas: diferente ou igual? E tudo isso para dizer, estamos sendo justas e cooperando com os outros e esquecendo de nossa individualidade em primeiro lugar, ou estamos sendo egoístas e deixando os outros de lado?

Equilíbrio é o que pede a Lua Cheia em Libra, requinte e harmonia.

Além disso, pode ser um período conturbado de acharmos que estamos sós, quando na verdade temos companhia e amparo. Talvez nem sempre como acreditamos que devesse ser. Por isso, é importante abrir os olhos e o coração.

A intuição, a fé em si e nos guias internos (e se tudo correu bem, na faxina que você fez internamente) vão lhe levar a não se sentir tão só e encontrar refúgio em si própria - quando parecer que não há ninguém a quem recorrer. E lembre-se, sempre há alguém!

# Danu, a Grande Mãe Irlandesa

por Mirella Faur

No início, havia o Vazio, a vastidão do Nada, a supremacia da criatividade não diferenciada.

Do Vazio nasceu o Caos,  
Da união entre o Vazio e o Caos originou-se Ana, a grande criadora.

Sonhadora e tecelã dos mundos, em cujo ventre fértil resplandeceram estrelas e planetas.

Da união entre o Sonho e o Sol foram criados a Mãe Terra, o Oceano e o Pai Céu, os ancestrais primevos.

Do encontro entre o Céu e a Terra resultaram os Seres Brilhantes, os Dakinis e os Dakas que trouxeram a luz ao mundo.

E do Ventre de Ana, tocado pela luz das Plêiades, nasceram os Tuatha de Danann, o povo da Deusa Danu.

*Kathy Jones, “The Wheel of Ana”*

Os mais antigos relatos escritos sobre as lendas e as crenças dos povos celtas foram feitos pelos romanos, que invadiram a Grã-Bretanha em 55 a.C. Na medida das suas conquistas, eles incorporavam ao seu próprio sistema religioso mitos e conceitos dos povos indígenas, registrando-os, porém de forma fragmentada e adaptada (em função da localização geográfica e da similitude entre uma divindade local e uma correspondente romana). Os registros referem-se aos antigos mitos das tribos nativas, acrescentando, também, lendas do povo celta, que tinha chegado posteriormente na Grã-Bretanha (cerca de 500 a.C.), provavelmente vindo da Europa central. Ocultas nas histórias encontram-se reminiscências das tradições pré-celtas dos povos neolíticos, construtores dos círculos de menires e das câmaras subterrâneas, encontradas em inúmeros lugares nas Ilhas Britânicas e na Bretanha.

A herança ancestral - que tinha sido preservada durante milênios pela tradição oral dos bardos e druidas - e as práticas religiosas pagãs parcialmente registradas por historiadores romanos foram aproveitadas, reinterpretadas, deturpadas e truncadas ao longo dos séculos pelos monges cristãos. Preservando somente o que convinha à moral e aos dogmas cristãos, os monges reduziram o vasto panteão e a rica simbologia celta a relatos épicos de guerras, invasões, intrigas, traições e atos imorais, perpetrados pelas

raças e tribos com uma origem comum, mas diferenciadas pela localização geográfica. Mesmo preservando resquícios das verdades originais, as histórias cristãs minimizaram ou ignoraram a beleza e a sabedoria do legado celta. Pela visão patriarcal dos monges, as deusas foram descritas como Rainhas e Princesas, os Deuses como Reis e heróis, enquanto o significado transcendental dos mitos e a sabedoria mágica foram diluídos, distorcidos ou perdidos.

Surgiu assim no século XI “O Livro das Invasões”, um compêndio mitológico que descreve uma sucessão de cinco raças - ou povos - que teriam vivido na Irlanda antes da chegada dos proto-celtas, os ancestrais dos habitantes atuais. Nas lendas, estas raças diferentes (o povo de Cesair, os Partholonianos, o povo de Nemed, os Fir Bolg, os Tuatha de Dannann, os Milesianos) são descritas de uma forma ambígua, tendo tanto características divinas, quanto humanas, seus integrantes sendo apresentados como deusas, deuses, gigantes, heróis, devas e seres elementais (analogia comum a tantos outros mitos de várias culturas e países). Sem entrar nos detalhes das características destes povos e nas descrições das batalhas, basta saber que cada uma destas raças foi vencida e seguida pela seguinte, alternando-se assim seus mitos e valores, sua organização social e religiosa.

A quarta raça chamada Tuatha De Danann, ou “o povo da Deusa Danu”, apareceu, de forma misteriosa – não da terra, de uma direção definida, como os outros invasores – mas do céu (simultaneamente das quatro direções). Segundo a lenda aterrissaram no dia do Sabbat Beltane e depois fundaram quatro cidades, que se tornaram os centros espirituais da Irlanda. Tanto sua natureza, quanto sua origem permanecem



envoltas em mistério, mas sabe-se que seus atributos eram de bondade e luz (por terem vencido a “escura” e agressiva raça anterior e por isso serem chamados de “seres brilhantes”). Em vários poemas épicos irlandeses são descritos episódios do combate entre as forças do caos e da escuridão (considerados como os filhos da deusa Domnu) e os filhos da deusa Danu, representando luz e ordem

Os Tuatha De Danann trouxeram conceitos espirituais elevados, práticas de magia, ensinamentos de arte e artesanato, lições de prosa, poesia, música, valores de harmonia e beleza e os dons da inspiração, sabedoria e cura; deixaram como marcos os círculos de menires e os monumentos megalíticos.

Após um longo e pacífico reinado, os Tuatha também foram vencidos pela última raça, os Milesianos, precursores dos Celtas e por isso se retiraram do mundo real abrigando-se no interior das colinas sagradas, consideradas túmulos pré-históricos e chamadas de *side* ou *sidhe* (palavra gaélica que se pronuncia *chi*). A cada líder das tribos dos Tuatha De Danann foi dada uma colina específica para lá se recolherem e residirem. Posteriormente, tanto as colinas, quanto os seres sobrenaturais passaram a ser chamados de *sidhe* ou *Daoine Sidhe* (“O Povo das Colinas”), sendo respeitados pelos seres humanos e reverenciados com oferendas e rituais. Para conquistarem sua confiança, boa vontade, ajuda e amizade, os homens começaram a chamá-los por eufemismos como “Os bons vizinhos, O Povo das Fadas, Os Nobres”. É importantíssimo ressaltar que apesar de se traduzir *fairy* e *fay* por “fada”, este termo na realidade mítica não define uma “diáfana figura alada feminina, sobrevoando as flores”. O sentido arcaico de *Fairy Folk* refere-se a seres sobrenaturais, com aparência etérea, sim, mas pertencendo a ambos os sexos, jovens, gostando de música, dança, flores abominando o ferro (comprovação de sua origem anterior à Idade de Ferro).

O maior legado dos Tuatha De Danann foi o culto da deusa Danu (também conhecida como Dana, Dianann, Danand, Danann, Anu, Ann ou Ana), considerada a Deusa Mãe primordial, progenitora das outras divindades. Seu nome em irlandês significa “fluir depressa”, enquanto a raiz *dan* em gaélico é “conhecimento”, em galês, “terra úmida” e em sânscrito *dana* simboliza “a água celeste”. Representando a força ancestral da terra, fertilidade, vida e morte, Danu está presente nas florestas e nos rios, nas pedras e plantas, nos homens e animais, pois ela é a energia vital existente em todas as criaturas. Nomes de antigos rios europeus como o Danúbio, Donets, Dnieper, os rios Don da Rússia, Escócia, Inglaterra e França refletem isso, bem como nomes de locais como Dina-marca (Danava-Marga) e de outras deusas: Rhiannon, Annis, Morgana, Danae, Diana (para mencionar apenas alguns). O Danúbio é o rio mais importante da Europa, que atravessa dez países, recebe diversos nomes e passa por várias cidades, desde a sua nascente na Floresta Negra na Alemanha até desaguar no Mar Negro. O termo Danu ou Danava (plural de Danu) parece formar o substrato da identidade indo-europeia mesclando elementos helênicos, ilírico-vênéticos, ítalo-célticos, germânicos e balto-eslávicos. Os gregos do norte eram chamados Danuni e assim, os arianos europeus poderiam ser chamados de Danavas.

A influência de Danu sobre uma grande parte da Europa e sua associação com água refletem a origem proto-híndua dos povos celtas. Muitos antigos povos europeus, particularmente os celtas e germanos, consideravam a si mesmos como “Filhos de Danu”, referindo-se à sua Deusa-Mãe, que também era, como Sarasvati no Rig Veda, uma Deusa-rio. Em Rig Veda, a mais antiga escritura hindu, menciona-se Danu como deusa do mar, cujo filho Vritra, um dragão, ao ser morto se transforma em sete rios, que fluem para o mar; soma (o elixir dos deuses) era chamado *danuda* (“o transbordar de Danu”).



Em outro mito védico relata-se que a Criação originou-se das águas primordiais (representadas pela Danu) e que as múltiplas camadas do universo e dos mundos surgiram aos poucos e pousaram sobre a água. Inicialmente, o mundo aquático era caótico e informe e a criação – ou existência ordenada – somente se iniciou quando a massa aquosa (que continha a essência e potência da vida) foi misturada, processada e refinada, de tal maneira, que adquiriu forma e depois se diversificou. No conceito hindu, a travessia do rio representa a passagem do mundo da ignorância e servidão para a liberdade e iluminação. A travessia é a transição e transmutação, proporcionando o renascimento, quando o buscador passa por uma metamorfose crucial, enquanto o rio acolhe os restos do velho eu e proporciona o nascimento do novo ser.

Nas suas migrações para Oeste, os povos protoindo-europeus, vindo do Norte da Índia e Ásia central, descobriram inúmeros rios, dos quais Danúbio foi o mais extenso tornando-se para eles uma ótima rota de navegação e comércio. Supõe-se que os povos celtas se originaram na região do Danúbio, no centro da Europa, e de lá se espalharam em várias direções. A navegação pelo Danúbio e as vendas dos bens trazidos da Ásia e do Mediterrâneo (minérios, peles, especiarias, pedras preciosas, tecidos) permitiram o enriquecimento dos celtas, reforçando assim a crença na riqueza e prosperidade como dádivas representadas e concedidas pela água, conceito refletido nos diversos mitos e lendas celtas.

*Em vários mitos Danu representa o princípio do nascimento, dos começos, da geração e fertilidade, sendo a Mãe Primordial, que antecede tudo o que existe. Como aspecto da Grande Mãe, ela abrange a dualidade: luz e escuridão, dia e noite, receber e dar, vida e morte. Ela tanto é a frieza do rio da montanha e o calor da pedra aquecida pelo Sol, existindo em todas as cores e cheiros, em todas as texturas, formas e dimensões, sendo jovem e velha, viçosa e decrépita, semente, flor e fruto. Apesar de presente em toda a parte, mencionada em inúmeros mitos e com diversos nomes, Danu é uma deusa obscura, pois não sobreviveu nenhuma narrativa ou imagem dela, confirmando assim a segurança do conhecido e o mistério do oculto. Nos mitos de criação dos rios Boyne e Shannon, Danu aparece como a “Fonte de Segais”, da inspiração, sabedoria e iluminação, procurada pelos bardos e druidas. Desta fonte jorram sete rios (assim como no mito hindu) e, através deles, Danu proporciona aos seus filhos fertilidade e abundância. Um poema irlandês descreve assim a deusa Danu:*

**“Ela é um rio, cujo sangue impregna a terra e sua voz se ouve no murmúrio da fonte, sussurrando mistérios. Ela troca a morte pela vida, pois nos seus braços carrega todos os seres, levando-os para o ventre da terra”.**

*Danu - entre muitas outras divindades - gerou os seguintes deuses: Dagda, da prosperidade, Dian Cecht, da cura, Oghma, da poesia e do alfabeto mágico, Goibniu do trabalho com metais, Luchta do artesanato, bem como a deusa Airmid, a regente da cura com as plantas. Posteriormente, Danu foi considerada uma tríplice manifestação divina (três sendo o número sagrado dos celtas), da qual sobreviveu até hoje somente o culto à Brighid, cristianizada e fervorosamente venerada como a milagreira Santa Brígida. A triplicidade divina celta era representada pelas deusas da soberania da terra Eriu, Banba e Fodla, pelos aspectos guerreiros de Morrigan: Badb, Macha e Nemain e pela deusa Brighid, como a tríplice regente da cura, inspiração e magia. No plano mágico, a triplicidade aparecia nos três reinos da realidade material: terra, mar e ar, nos três mundos sutis: o escuro e misterioso subterrâneo (residência dos ancestrais), o verdejante mundo mediano (povoado pelas fairy) e o iluminado mundo superior (onde se encontram as divindades).*

*Apesar de seu culto ter sido proibido pelo cristianismo e o seu nome aos poucos ser esquecido, Danu está presente em toda parte na Irlanda, nos verdes campos, no perfil arredondado das montanhas, no mistério das florestas, no sussurro dos riachos, no serpentear dos rios, no barulho das ondas, nas escarpas dos rochedos e na areia das praias. Seu lugar sagrado, no Condado de Kerry, chamado Paps of Anu, reproduz, na forma de duas colinas, seus fartos seios, cujos mamilos são formados por cairns, os antigos amontoados de pedras que foram levadas e deixadas pelos peregrinos ao longo dos tempos, em sinal de reverência e gratidão para a Deusa.*

*É difícil conhecer Danu apenas pelo intelecto, ela deve ser percebida pelo coração, pela intuição e pelos sentidos, seja no cheiro e na textura da terra, no suave murmúrio dos rios e no ritmo das ondas, na profundidade misteriosa das*

*fontes, na textura e magia das pedras ou nas tradições das Anciãs, conhecedoras das ervas e dos segredos que curam. Entre seus dois seios – as sagradas colinas Paps of Anu - existe um portal sagrado que leva ao “Outro Mundo”, a “Terra da Sabedoria e dos Mistérios Antigos”. O buscador que lá consegue chegar irá ouvir a batida do bodhran (o tambor irlandês) de Danu e o canto dos pássaros encantados; caminhando sobre a maciez da grama verde sentirá o perfume das flores, poderá provar a doçura do mel das abelhas, observar os animais mágicos ao seu redor, se alegrar com as brincadeiras das fadas das plantas e partilhar das suas danças sob o brilho prateado da Lua. Danu pode ser invocada para orientar e auxiliar em realizar os diversos objetivos do universo feminino: realização profissional, prosperidade, arte, inspiração e criatividade, cura (para si e os outros), soberania (autoafirmação e independência), fertilidade, maternidade, interesses ecológicos, preservação da natureza, habilidades mágicas, crescimento e evolução espiritual.*

*Atualmente, com o ressurgimento do Sagrado Feminino e a expansão dos círculos de mulheres, Danu, assim como as Deusas de outras tradições, está sendo lembrada e reverenciada como Mãe e Senhora, da terra e da água, da abundância, magia e da antiga sabedoria. Ela representa o fluir das águas celestes que purificam e fertilizam a terra, a força ancestral das pedras sagradas, o poder mágico dos vórtices energéticos e dos cruzamentos das linhas de força da terra. A conexão com Ela nos permite alcançar a dimensão transcendental da realidade material e cotidiana, compreender e assimilar os mistérios da sacralidade feminina.*

# Templo das Musas



## *Sagrada por Natureza*

por Magda Fernanda

Não, ninguém me nomeou sagrada.  
Não foi assim que aconteceu.  
Não veio de fora.  
Não houve uma nomeação de outrem para mim.

Foi de outro jeito. Algo me fez parar e observar as passagens das estações sem pressa e perceber como elas reverberavam em mim. Como me acendia e irradiava uma luz calorosa e criativa assim como o verão faz quando chega e se instala. Perceber como sentia em alguns momentos que precisava deixar ir aquilo que não me servia mais e que na maioria das vezes estava ali segurando sem perceber que era apenas o apego.

Outras vezes precisava de um recolhimento profundo, um quase hibernar, me fechando em mim mesma, silenciando tudo que era externo, apenas vivendo das reservas de minhas próprias energias e isso parecia me ser suficiente por um tempo que poderia ser eterno.

E, então um belo dia sentia a necessidade de eclodir, florir expandindo toda a beleza que jazia em mim de forma concentrada em um movimento de seguir em busca da luz e me mostrar. Observei a Mãe Terra e me reconheci.

E como no fluxo da natureza nada é isolado, observei a Lua e me percebi nela. Vivo a fase de estar vazia, pronta para ser preenchida por aquilo que eu mesma desejo produzir. A fase de me sentir crescer e fluir no meu próprio processo criativo. Fase outra de me sentir plena de mim com tudo que produzi em acordo com minha verdade, até chegar a fase em que começo a minguar e me esvaziar daquilo que já não é mais meu... e então recomeçar tudo de novo. Como a Lua sou cíclica.

Então foi assim.  
Eu apenas me reconheci.  
Sou sagrada como a natureza o é.  
Sou sagrada por natureza.  
Simples assim.

Jornal Deusa Viva  
Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea

Expediente  
Edição: Andrea Boni  
Direção de Arte: Mariana Studart  
Diagramação: Cynthia Sims  
Textos: Mirella Faur, Samaya Antunes,  
Magda Fernanda, Helena Farias  
Imagens: Rede Mundial de Computadores  
Informações: [www.teiadethea.org](http://www.teiadethea.org)  
Telefone: (61) 98233-7949  
E-mail: [teiadethea@teiadethea.org](mailto:teiadethea@teiadethea.org)  
Envie suas sugestões, críticas ou elogios para:  
[deusaviva@teiadethea.org](mailto:deusaviva@teiadethea.org)